**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 21/08/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

Após encerrado o conteúdo e a pratica de rodinhas, as aulas deste dia foram reservadas para a confecção das carteirinhas dos alunos em sala de aula. Eles recebem uma carteirinha em branco e uma foto preto e branco deles, na qual eles deveriam preencher com nome e turma e colorir a vontade. Diferente do que se esperava este trabalho tomou o tempo da aula toda.

No decorrer das aulas surgiu a oportunidade do professor Mauricio trabalhar com a questão de gênero em alguns momentos. Primeiro já no inicio de uma das aulas quando dois alunas se desentenderam e o menino bateu na menina. Outros dois momentos ocorrerem nas turmas quando perguntaram como deveriam colorir e o professor disse que poderiam colorir a pele, a roupa, o cabelo, e passar batom. Então quando alguns meninos começaram a rir o professor fez um ótimo discurso acerca de vestimentas e aparência, opção sexual, respeito e não-preconceito. Esse discurso ele passou em duas turmas. As crianças trouxeram suas opiniões e percepções sobre o tema e gerou uma discussão bem proveitosa.

Ao final de cada aula surgiram carteirinhas bem originais, algumas crianças fizeram chifre, língua, boné ou óculos em suas fotos. Pintaram o fundo da foto, houve mudanças na cor do cabelo e até um menino “colocou batom” na sua foto pois estava sem cor.

Pessoalmente eu considero excelente esse trabalho de desconstrução de conceitos e preconceitos feito pelos professores, pois mesmo se tratando de crianças, estas estão recebendo diariamente informações equivocadas a respeito dos temas. Estes assuntos devem ser constantemente abordados na escola, e não evitados.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 29/09/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

A escola Rolândia é conhecida por ter boas práticas e uma cultura escolar que preza a autonomia e senso de responsabilidade dos alunos - quanto a organização dos materiais, conduta nos corredores, e respeito com o colega, aceitando e respeitando todos os tipos de diferenças. Estas são conquistas construídas ao longo de anos através do trabalho dos professores de educação física. Visto que os mesmos discordam e não pretendem reproduzir na escola, aspectos da sociedade que inevitavelmente o indivíduo aprenderá fora dela.

Uma forma de disciplinamento comum na maioria das escolar constitui-se na formação de filas para quase todos os momentos da rotina escolar. E ainda reforçando estereótipos de gênero (meninos e meninas separados) e biótipo físico (ordem de tamanho). A princípio as filas parecer uma boa forma de organização, mas basta um olhar um pouco mas atento para constatar que elas não funcionam bem e não ensinam senso de organização, e ainda ensinam as crianças a depender de ordens, e ainda, em muitas gera um movimento de resistência a essa imposição.

Os professores, após observarem seus alunos voltando a fazer fila na entrada, fizeram um discurso a fim de problematizar a questão e retomar o trabalho feito até então, e ainda indo contra a vontade da grande maioria das professoras da escola que estão tentando justificar a aplicação dessa forma de organização.

A profissão do educador físico depende diretamente do apoio que a direção e a equipe pedagógica da escola pode proporcionar. Pois a cultura da escola não é só o construída dentro da aula, mas em todos os momentos da rotina escolar. Quando o professor tem apoio, seu trabalho pode prosperar. Sendo este um trabalho de persistência, visto que a criança precisa de tempo e experimentação para assimilar as diversas informações do ambiente escolar, e ainda contratar estas com as informações advindas da família e sociedade.**ROLANDIA 04SETEMBRO**

Foi dado continuidade ao jogo 'detetive' iniciado na semana anterior. Porém trabalhando-se com variações de temática, incorporando ao contexto personagens de zumbi, e diversos elementos ao local imaginado onde ocorre o jogo.

Nesta segunda semana as turmas conseguiram desenvolver  melhor e se envolver mais na atividade. Foi possível realizar algumas rodadas e ainda deixar um tempinho livre ao final da aula.

Entretanto algumas crianças ainda não compreenderam bem a dinâmica do jogo, também houve alunos que estavam atrapalhando o andamento da atividade. Frente a isso, a estratégia do professor foi retira-los da quadra para que estes pudesse assistir o desenvolvimento da atividade de fora e depois retornar a mesma. Interessante essa estratégia, tanto para os bagunceiros quanto para os que não entenderam, pois se um tipo de explicação não funcionou, assistir ao jogo acontecendo ajudou na compreensão do mesmo, e aos bagunceiros quando estavam do lado de fora, estes queriam retornar ao jogo.

Diferente da semana anterior, quanto a compressão se mostrou um pouco mais claro o entendimento do espaço do "museu". Mas esta parte de abstração esta sendo construída a cada aula. Podemos observar o resulta dessa construção na turma de terceiro ano a qual já teve um contato com esse conteúdo nos outro anos, resultando num acumulo de experiência que permite praticar a brincadeira com maior fluência , dinamismo e ludicidade.

ROLANDIA 11 SETEMBRO 2017

As aulas ocorreram no bosque. A brincadeira foi muito similar ao “acordar o urso” porem neste caso o “urso” fora substituído por “zumbis”. Foram dadas explicações em sala de aula e reforçadas no bosque, tanto a respeito das regras para o andamento da brincadeira quanto de regras de segurança. E ainda assim durante o andamento da aula se fez necessário reforçar tais regras. Dentre estas, a mais interessante, que visa abordar a questão de coletividade e trabalho em grupo , porem a menos respeitada foi a de não chegar sozinho ao final do percurso, sendo necessário ajudar os colegas a passar pelos zumbis.

Na aula com as duas turmas unificadas, a maior dificuldade é organizar as crianças sentadas, quietas e em silencio para prosseguir com a explicação. Mesmo com os dois professores trabalhando juntos nisso, ainda assim foi desgastante e demorado.

Com a ultima turma, a qual já teve esse conteúdo, após realizarem algumas vezes a proposta da aula, alguns alunos usaram o espaço do bosque para brincar de “ policia e ladrão” trazendo para a escola a sua cultura de brincadeiras.

**Rolandia 14** **agosto 2017**

Esta foi a ultimo dia de aula com o conteúdo de “rodinhas”. No qual foi preparado um circuito contendo três estacoes: labirinto, zig-zag e oito. O objetivo da aula era os alunos formarem dupla e passar pelos três desafios. Sendo que cada dupla deveria pegar um brinquedo, e cada um deveria cumprir todo o circuito enquanto o colega avaliava se este foi cumprido para poder posteriormente constar na carteirinha de rolagem.

Entretanto houve várias interpretações das instruções por parte das crianças. Algumas usaram o equipamento juntas ao mesmo tempo ou ate mesmo calçaram um pé de cada patins. Muitas crianças não permaneceram em suas duplas, e ainda outras ficaram a aula toda com o mesmo equipamento sendo que a ideia era cumprir o circuito com as quatro categorias disponíveis. O circuito precisou ser repetidamente explicado e as crianças conduzidas e direcionadas.

 Nas turmas seguinte houve uma redução de instruções. E a intenção foi mais direcionada a uma maior vivencia dos equipamentos. As aulas seguintes fluíram melhor assim. O circuito permaneceu o mesmo em todas as turmas.

Eu fiquei bem feliz em incentivar algumas meninas a usarem o skate. Um delas até passou por mim no skate comemorando por estar conseguindo andar no mesmo. Por outro lado, um aluno demonstrou ter insegurança em usar qualquer equipamento e visível medo de cair, e mesmo eu auxiliando de todas as formas, ele não conseguiu nem ao menos tentar.

**Rolândia 28 de agosto 2017.**

Foi iniciado um novo conteúdo, o qual o professor apesar de saber que é um conteúdo mais difícil para esta faixa etária, ele arriscou. Pois mesmo sabendo que as aulas poderiam não dar certo logo de primeira, espera-se atingir o objetivo a longo prazo.

 No primeiro ano a aula começou com “detetive” e aqui já surgiram várias dificuldades; de piscar e receber a piscada, de entender quem eram (ou não) os personagens principais, antes ainda quando todos deveriam ficar de olhos fechados e prestar atenção em quem seria designado. Mesmo mudando para a brincadeira “a cidade dorme” também houve várias questões; querer espiar, não compreender a brincadeira. Pois mesmo o professor dizendo que era para fazer um cafuné na cabeça de algum, um menino fez cafune na própria cabeça. E ao pedir para apontar o dedinho para um colega alguns falavam em voz alta. Além disso as crianças demoravam muito para escolher alguém. E num momento que o professor disse para escolher qualquer um: “vai, chuta qualquer um”, uma aluna literalmente deu um chute na sua colega. Isso foi bem interessante para percebermos que o nível de entendimento da criança é bem diferente nosso. Nós usamos diversas metáforas para nos comunicarmos, a criança além de não possuir todas estas, ainda tem sua própria linguagem. E se muitas vezes o aluno não entendeu a explicação isso mostra que devemos rever a forma de explicar ao invés de repetir.

Já no prezinho não foi possível passar nem ‘a cidade dorme”. Eles estavam muito agitados, e havia uma menina chorando a aula toda pedindo pela mãe. Após uma difícil e frustrada tentativa, o professor liberou a turma ao parquinho.

A aula com o terceiro ano foi melhor devido ao fato de já terem feito a brincadeira antes, a historia ficou mais complexa, envolvendo zumbis. Teve alunos que interpretaram bem a “transformação” em zumbi, e em cada rodada a brincadeira terminava com um pega-pega, o que acredito ter ajudado a extravasar a tensão e a ansiedade de ficarem quietos, parados e com os olhos fechados.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 13/11/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

A proposta é realizar jogos de tabuleiro e similares a fim de dar uma introdução a fim de se chegar aos jogos eletrônicos tais como Tetris. O primeiro jogo foi o dominó sem as peças, cabendo a cada aluno escolher um número de 1 a 5 em cada mão e dar as mãos ao colega com o mesmo número, para ao final terminarem todos de mãos dadas em uma fila. Aproveitando-se essa fila, foi feito a brincadeira “Banana podre”.

Após cumprida essa etapa, os professores proporão para as turmas realizarem um “quebra-cabeça” usando o próprio corpo como peças para preencherem os círculos pintados no chão da quadra. Na primeira turma o resultado foi lindo. Rapidamente os alunos se organizaram no espaço ajustando-se para fechar a figura. Devido a facilidade com que as crianças cumpriram a tarefa, o professor sugeriu que as “pecinhas” trocassem de lugar sem sair do círculo. Neste momento pode-se observar vários aspectos trabalhados; noção espacial, consciência corporal, contato e improvisação, afetividade. Me surpreendi com os resultados de uma atividade aparentemente simples, e principalmente pela possibilidade de se trabalhar contato e improvisação de uma maneira, para mim, inesperada.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 24/11/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

Dentro da proposta de jogos de computador e de tabuleiro modificados para se jogar na quadra utilizando os corpos como cenário e peças, o jogo desta aula em questão resultou numa junção de Dama com o Pac Man. Para tanto, na quadra foi construído no chão, usando fita crepe, um tabuleiro de 5x5. E a dinâmica do jogo consistiu em iniciar com quatro alunos sendo pac man se posicionando no centro, e mais quatro sendo fantasmas um em cada extremidade. O jogo ocorreu por rodadas uma vez de cada para se locomover apenas uma casa. Com a última turma (5ª ano) os bolsistas conduziram a aula e experimentaram variações do jogo, porem a forma original funcionou melhor

Apesar de ser um jogo que exige bastante atenção, até mesmo o primeiro ano, após algumas correções, conseguiu realizar. Esta foi uma proposta muito interessante pois se comunica com um elemento presente na realidade das crianças; o vídeo-game. Foi abordado de uma maneira nova, trabalhou fatores como localização espaço-temporal, estratégia e tomada de decisão.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 09/09/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

Devido ao feriado neste dia não foi iniciado o novo conteúdo do programado. Portanto o tempo da aula foi direcionado para a livre experimentação dos matérias disponibilizados. Esta vivencia dos materiais sem o direcionamento direto do professor só se torna viável, de forma organizada e fluida, devido ao continuo trabalho dos professores para tornar os aluno mais autônomos e organizados, assimilando as regras e as aplicando tanto na aula dirigida quanto na aula mais aberta a auto organização da turma. Tendo o espaço, o tempo e os materiais disponíveis, as crianças tem um ambiente propicio para expressar e criar suas brincadeiras. O que pode se observar foi a distribuição dos grupos nos espaços da quadra, o uso e compartilhamento dos materiais (claro que não totalmente isento de pequenos conflitos), e a divisão em pequenos grupos para vivenciar as brincadeiras de acordo com o tempo e a voltado do grupo.

Infelizmente, apesar de todo o trabalho dos professores acerca da questão de gênero, ainda pode-se notar a divisão " natural" entre meninos e meninas por se tratar de uma condição social imposta diariamente, desde antes do nascimento, e por todos os meios de convivência.

o que mais chamou a atenção foi um grupo de meninas que escolheram como material para suas brincadeiras os cones. Primeiro elas começaram a fazer um círculo, entraram e saíram do mesmo, reorganizaram por cores, deixaram um pouco maior, e após isso, elas montaram um pequeno caminho a ser percorrido entre os cones.

Um aspecto importante observado neste momento foi o trabalho de psicomotricidade que está ocorrendo ali. A dificuldade de segurar o cone, de alinhar corretamente, de junta-los na pilha e separa-los novamente. A questão é que esse trabalho de psicomotricidade não precisa ser trabalhado isoladamente, pois corre-se o grande risco de perder a ludicidade e principalmente o sentido e o significado que as próprias alunos agregaram a sua brincadeira por elas criada.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 27****/09/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

A escola pública no Brasil tem por lei o caráter da inclusão. Entretanto isso traz diversas questões quando tratadas mais a fundo e em detalhes particulares. No Rolândia encontram-se várias crianças de inclusão, tendo casos de transtorno de comportamento, síndrome de Down e autismo. Neste último, temos dois irmãos que apresentam diferentes graus de autismo e estão incluídos nas turmas junto com as demais crianças e tendo uma pessoa designada para acompanha-los com maior atenção. Quando analisamos essas situações mais de perto e os seus desdobramentos, começam a surgir alguns questionamentos importantes quanto a questão da inclusão. Primeiro é preciso avaliar até que ponto esta inclusão está sendo efetiva; quanto ao atendimento que essa criança necessita, que vai muito além de deixa-la no mesmo ambiente que as demais. Será que este aluno terá reais condições de aprender os conteúdos ou apenas estará perdendo tempo. E quanto ao ganho social, como a escola poderia assegurar que a turma não exclua esse aluno. Ou ainda; a rotina escolar é apropriada para o desenvolvimento deste aluno? Com as suas rotinas de horário, organização dos espaços, barulho?

A escola é um ambiente de grandes inteirações. Portanto além das interferências que a mesma pode causar na criança autista, a permanência desta criança na escola também irá afetar os demais alunos. É claro que temos ótimos resultados disso, tais como: as crianças aprendem a conviver e a respeitar as diferenças, esta criança recebe carinho e atenção dos colegas. Porem a presença de um aluno que ao ver do restante da turma, tem certos “privilégios” e pode transgredir regras da escola, pode acarretar em transtorno para as aula. Pois enquanto a turma toda deve ficar sentada, fazer a lição, ficar em silencio, prestar atenção, o aluno autista, ao ver das demais crianças, não precisa cumprir essas regras. O que possivelmente pode interferir no comportamento da turma, que em alguns casos pode começar a imitar alguns comportamentos interferindo no andamento da aula e até mesmo na escolha de conteúdo passados pelo professor.

A inclusão continua sendo uma questão bastante complexa, na qual precisa-se tem muito bom senso para cada caso. E ainda, para lidar com a situação da criança, é fundamental o apoio da família e da direção. E ainda assim nada disso garante uma inclusão efetiva e benéfica para todos.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 04/09/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

Foi dado continuidade ao jogo 'detetive' iniciado na semana anterior. Porém trabalhando-se com variações de temática, incorporando ao contexto personagens de zumbi, e diversos elementos ao local imaginado onde ocorre o jogo.

Nesta segunda semana as turmas conseguiram desenvolver  melhor e se envolver mais na atividade. Foi possível realizar algumas rodadas e ainda deixar um tempinho livre ao final da aula.

Entretanto algumas crianças ainda não compreenderam bem a dinâmica do jogo, também houve alunos que estavam atrapalhando o andamento da atividade. Frente a isso, a estratégia do professor foi retira-los da quadra para que estes pudesse assistir o desenvolvimento da atividade de fora e depois retornar a mesma. Interessante essa estratégia, tanto para os bagunceiros quanto para os que não entenderam, pois se um tipo de explicação não funcionou, assistir ao jogo acontecendo ajudou na compreensão do mesmo, e aos bagunceiros quando estavam do lado de fora, estes queriam retornar ao jogo.

Diferente da semana anterior, quanto a compressão se mostrou um pouco mais claro o entendimento do espaço do "museu". Mas esta parte de abstração está sendo construída a cada aula. Podemos observar o resulta dessa construção na turma de terceiro ano a qual já teve um contato com esse conteúdo nos outro anos, resultando num acumulo de experiência que permite praticar a brincadeira com maior fluência, dinamismo e ludicidade.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 11/09/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

As aulas ocorreram no bosque. A brincadeira foi muito similar ao “acordar o urso” porem neste caso o “urso” fora substituído por “zumbis”. Foram dadas explicações em sala de aula e reforçadas no bosque, tanto a respeito das regras para o andamento da brincadeira quanto de regras de segurança. E ainda assim durante o andamento da aula se fez necessário reforçar tais regras. Dentre estas, a mais interessante, que visa abordar a questão de coletividade e trabalho em grupo, porem a menos respeitada foi a de não chegar sozinho ao final do percurso, sendo necessário ajudar os colegas a passar pelos zumbis.

Na aula com as duas turmas unificadas, a maior dificuldade é organizar as crianças sentadas, quietas e em silencio para prosseguir com a explicação. Mesmo com os dois professores trabalhando juntos nisso, ainda assim foi desgastante e demorado.

Com a ultima turma, a qual já teve esse conteúdo, após realizarem algumas vezes a proposta da aula, alguns alunos usaram o espaço do bosque para brincar de “polícia e ladrão” trazendo para a escola a sua cultura de brincadeiras.

**Universidade Federal Do Paraná**

**Subprojeto Educação Física-0 (PIBID)**

**Relatório referente a intervenção na Escola Municipal Rolândia 25/09****/2017**

**Bolsista: Maurem De Pieri Bello**

Dando continuidade ao conteúdo, neste dia o professor trouxe um material de apoio para o jogo (cartas contendo dois tipos de personagens, suas habilidades, e a intensidade de cada uma delas), o qual seria fundamental para o andamento jogo. Entretanto uma questão passou desapercebida. Os alunos não conseguiam ler ou entender o que estava escrito nas cartas. Deixando o professor supervisor sem muitas opções para continuar o jogo. Neste momento o outro professor da escola modificou o jogo, tornando-o mais simples porem ainda mantendo-se dentro da proposta inicial. Após explicar em sala, os alunos foram direcionados à quadra onde, como de rotina, deveriam sentar no “círculo do poder’’.

Entretanto eles dispersaram e ficaram correndo pela quadra. O agito e a bagunça foram tantos que o professor chegou ao ponto de desistir da aula, porem o segundo professor considerou que valia a pena fazer uma tentativa, a fim deles não perderem o conteúdo, mas principalmente, para disciplinar melhor a turma. Uma vez que se permitir tal comportamento, este poderia se repetir em todas as aulas, prejudicando o aprendizado da turma. Depois de uma bronca, o restante da aula conseguiu fluir.
coincidentemente neste dia, o aluno autista também estava bastante agitado, já vindo assim de casa. Partindo de uma observação empírica, concordamos que o comportamento deste aluno interfere e influencia diretamente o comportamento da turma toda.

Nas turmas seguintes manteve-se a dinâmica do jogo com a alteração mesmo para as turmas maiores. E ainda foi acrescentado uma variação de “combate’’ trazida por uma aluna, a qual sugeriu além do jokem po, a guerra de polegares.
Quanto a questão de disciplina nesta turma e em especial nesta aula, é bastante desgastante chamar a atenção de aluno por aluno. Mas se isso não for feito, o andamento da aula se torna inviável. No caso da escola em questão, o fato de haver dois professores, atuando juntos, só proporciona ganhos às aulas. Cada qual com sua forma de se comunicar, proporcionam melhores formas de passar o conteúdo e melhor controle da turma.